

Expectativas Escolares e Profissionais dos jovens do 9.º ano

Luís Manuel Valente Martins

Joaquim Azevedo

Resumo

Este estudo visa analisar e compreender as motivações, aspirações e expectativas de alunos que frequentam o 9.º ano de escolaridade. O 9.º ano de escolaridade é o último ano de escolaridade básica e obrigatória em Portugal, em 2008. Trata-se de uma replicação do estudo de Azevedo (1991), que nos permitiu confirmar, junto de 932 alunos, seleccionados aleatoriamente, os resultados do estudo precedente, uma vez que constatámos um reforço das expectativas dos alunos, nomeadamente no que diz respeito ao prosseguimento de estudos.

Verifica-se que as variáveis por nós definidas, o género e o percurso escolar anterior dos alunos, bem como o estatuto socioprofissional e o capital habilitacional (qualificação escolar) dos pais, têm clara influência nos projectos escolares e profissionais dos alunos.

Por fim, no que diz respeito às profissões pretendidas pelos discentes, observámos a desvalorização de profissões com menor prestígio social, havendo uma revalorização das profissões com mais elevado estatuto social.

Palavras-chave:

Expectativas, família, género.

Abstract

This study aims to analyze and understand the motivations, aspirations and expectations of students who attend the 9th grade. Involving 932 students random selected, this is, in fact, a replication of one of Azevedo's study (1991) that has enabled us to confirm the results of the

previous study, since we have seen a strengthening of students' expectations, particularly with regard to further studies.

It appears that the variables we defined, gender and previous educational background of students, the socio-professional status and parent's academic capital (qualifying school) have clear influence on the student's school and professional projects. Finally, with regard to professions sought by the students we have observed the devaluation of occupations with lower social status, with a revaluation of those with higher social status.

Keywords:

Expectations, family, gender

Introdução

É função da escola atender às expectativas individuais e sociais dos alunos, promovendo um ensino de qualidade, construindo processos criativos de ensino, formando cidadãos actuates, livres, críticos, criativos e preparados para enfrentarem um mundo hoje mais complexo, mais competitivo, menos protector. Nesse sentido, a escola necessita de estar em constante actualização, antecipar as expectativas e aspirações dos seus alunos, dadas as dificuldades que estes sentem na transição do ensino básico para o ensino secundário.

Com este estudo, pretendemos obter resposta para as seguintes questões:

1. Haverá alguma relação entre as motivações apresentadas pelos alunos na transição do 9.º para o 10.º ano de escolaridade e o género, o estatuto socioprofissional da família de origem e o capital habilitacional dos pais?
2. Quais as expectativas escolares dos alunos ao iniciarem o 10.º ano de escolaridade?
3. Que diferenças existem, ao nível das expectativas escolares e profissionais, entre os jovens do nosso estudo e do estudo de Azevedo (1991)?

Para dar resposta às questões supra-referidas formulámos as seguintes hipóteses:

- i) O género continua a influenciar as trajectórias, as opções e expectativas escolares, bem como as expectativas profissionais dos jovens;
- ii) O nível socioprofissional e a escolaridade dos pais continuam a influenciar os resultados e as opções escolares dos jovens;
- iii) As instituições sociais, nomeadamente, família, escola, meios de comunicação social, amigos, têm influência nas preferências dos jovens;
- iv) A frequência da educação pré-escolar pode induzir percursos escolares mais longos e de maior qualidade.

1. Síntese da contextualização teórica

Atendendo a que se pode definir a escola como um espaço social, debruçemo-nos sobre a dicotomia família/expectativas dos jovens. Gottfredson (in Gonçalves, 1997, p. 53) refere que a família, ao ser o contexto de vida mais próximo, é o primeiro a ser alvo de exploração vocacional por parte do jovem. Para Costa (1992, p. 100), a família constitui um referente social importante na análise sociológica da constituição dos protagonistas sociais. Pinto (1986, p. 77) salienta que a carreira escolar de um jovem constrói-se e decide-se em contextos variados, sofrendo influências múltiplas e complexas, sendo a família uma fonte de interferências nas decisões escolares. Azevedo (1999, p. 47) enfatiza que os jovens desta idade fazem as escolhas apoiados pelos pais e pelos adultos e, geralmente, em família. Para o mesmo autor, a família investe no percurso escolar dos seus educandos, com o objectivo de ascensão social. Segundo Gonçalves (1997, p. 95), o estatuto socioprofissional e económico é determinante na construção dos projectos vocacionais dos jovens, apresentando-se como um indicador de sucesso profissional. Os pais de jovens com níveis sociais mais elevados proporcionam experiências exploratórias que vão no sentido da competitividade, independência, auto-suficiência e assertividade. Pelo contrário, os pais mais desfavorecidos tendem a valorizar mais as atitudes de conformação e de obediência na educação dos seus filhos, reduzindo assim, as oportunidades de exploração vocacional, as expectativas de formação e sucesso profissional. Costa (1992, p. 33) assume que existe uma dependência profunda dos resultados escolares relativamente às condições sociais de partida dos alunos. As crianças pertencentes a meios sociais em que o estatuto socioprofissional indicia situações menos favorecidas e em que os níveis de escolaridade são mais baixos, têm geralmente menor probabilidade de obter bons resultados escolares. Alves (1998, p. 66) recorre a Boudon para referir que existe uma correlação positiva entre o nível de instrução dos pais e o nível de instrução alcançados pelos filhos. Além disso, mostra que a posse de níveis de qualificação

académica mais elevados, por parte das mães, favorece percursos escolares mais profícuos para os filhos, exercendo maior influência sobre os seus percursos escolares. Azevedo (1991, p. 115) constatou que a grande maioria dos filhos de trabalhadores da produção, trabalhadores agrícolas e pessoal dos serviços desejava prosseguir estudos, o que se inscreve na tendência para a mobilidade social ascendente. Na conclusão deste mesmo estudo, Azevedo observou, contudo, uma forte correlação entre as profissões e o estatuto socioprofissional dos pais e as profissões que os filhos desejam seguir (Azevedo, 1991, p. 137).

Pinto (1986, p. 93) concluiu que a percepção sobre o rendimento escolar aparece dependente do género, uma vez que são as raparigas que consideram ter melhor rendimento escolar. Também verificou que o rendimento escolar se relaciona com o estatuto socioprofissional, dado que o nível de percepção do rendimento escolar aumenta à medida que sobe o estatuto socioprofissional familiar. Silva (1999, p. 27) refere que as raparigas estão em maior número em todos os graus de ensino, apresentando percursos escolares mais longos e de maior qualidade, tese reforçada por Alves (1998, p. 90) quando afirma que “apesar da unanimidade na procura social do ensino superior, o género e a classe social introduzem uma diferenciação nos projectos escolares dos estudantes”. Aliás, Alves (2000, p. 20), perante resultados idênticos de estudos realizados em 1998 e 2000, recorreu a dois referentes teóricos para os explicar: a “corrente culturalista que atribui os melhores resultados escolares do sexo feminino à maior adesão das raparigas à cultura escolar, em virtude da especificidade do seu processo de socialização” e às “teorias da segmentação do mercado de trabalho”, que “fornecem um elemento importante para compreender as estratégias protagonizadas pelos rapazes que privilegiam o abandono dos estudos e a inserção precoce na vida activa”. No estudo desenvolvido em 1991, Azevedo (1991, p. 40) concluiu que havia uma grande diferença entre rapazes e raparigas, passando pelas escolhas das áreas de estudo e pelo tipo de percursos escolares que pretendem realizar (em que as raparigas valorizam mais o acesso ao ensino superior), até à escolha das profissões, onde esta clivagem se acentua. Entre os rapazes

predominam profissões das áreas científico-tecnológicas, enquanto, nas raparigas, a preferência vai para profissões ligadas à intervenção social (sectores da educação, saúde e justiça) (Azevedo, 1991, p. 127).

Bulle afirma que, quanto mais elevado for o aproveitamento, maior será a probabilidade de investimento escolar em áreas privilegiadas e de maior complexidade, além disso o aproveitamento escolar e a origem social interagem: a influência da origem social nas opções é tanto maior quanto mais baixo for o aproveitamento escolar.

Segundo a literatura, existe, assim, na formação das expectativas escolares e profissionais dos jovens (entre os 14 e os 17 anos) uma forte influência do contexto socioeconómico, influência esta que mobiliza o capital cultural e o estatuto socioeconómico de partida para condicionar, com a escola e até apesar da escola, o seu futuro. As representações sociais acerca do género e acerca das profissões condicionam igualmente de modo muito significativo a geração de expectativas escolares e profissionais dos jovens.

2. Metodologia

Técnica de recolha de dados: questionário

Como instrumento de recolha de dados, usámos o questionário, por permitir maior facilidade na recolha e tratamento dos dados, não exigir meios financeiros avultados e ser objectivo. Antes da aplicação dos questionários, realizámos um pré-teste para garantir a clareza da linguagem utilizada e a adequação do tempo de realização a um tempo lectivo, submetendo-o a uma turma de uma escola que não fez parte da amostra.

Comparação dos questionários de 1991/2005

Como já referimos, o questionário por nós usado baseou-se num outro de Azevedo (1991), que foi objecto de várias alterações:

- na segunda questão, substituímos a data de nascimento pelo respectivo ano de nascimento;
- eliminámos as questões, “opção vocacional do 9.º ano” e “que área de estudos pretende frequentar”, pois, do estudo anterior para o actual houve alterações do currículo do 9.º ano;
- colocámos uma questão para analisar o percurso escolar anterior do aluno (saber se este frequentou a educação pré-escolar e qual a percepção sobre o seu rendimento escolar);
- modificámos as respostas à questão “que via pretende seguir”, uma vez que houve alteração do nome das vias;
- acrescentámos uma questão que nos permitisse analisar quem teve influência nas escolhas dos alunos;
- reformulámos a questão dezassete (ao pretender que o aluno identificasse duas características importantes que um empresário espera de um profissional);
- incluímos questões que nos permitiram avaliar se a escolaridade dos pais influenciava as escolhas dos alunos;
- adicionámos, também, uma nova questão relativa à situação profissional da mãe.

E, com todas estas alterações, refizemos a numeração.

Contextos de aplicação dos questionários 1991 *versus* 2005

Comparando a aplicação deste questionário nas diferentes margens do tempo, 1991 e 2005, constatámos que:

- em 1991, os investigadores enviaram os questionários e uma carta com orientações aos Conselhos Directivos, que os entregaram aos Directores de Turma do 9.º ano para os aplicarem numa aula. Após a recolha, os questionários foram devolvidos aos investigadores através dos Conselhos Directivos. A amostra processou-se a nível nacional, contemplando 99 escolas e 16000 alunos, tendo sido recebidos 7500 questionários.

- em 2005, participaram 932 alunos do 9.º ano, de dezassete escolas da cidade do Porto, sendo seis escolas EB 2,3, quatro escolas EB 2,3 com secundário, uma escola EB 2,3 com secundário e ensino tecnológico. Onze eram escolas estatais, quatro escolas privadas e duas escolas particulares com contrato de associação. As escolas foram escolhidas aleatoriamente. Após concordância da DREN e dos Conselhos Executivos das escolas envolvidas nesta amostra, seleccionámos, de forma aleatória, três turmas de 9.º ano, em cada escola. A administração dos questionários foi realizada no decorrer de um tempo lectivo, tendo sido da responsabilidade do investigador, que deu as mesmas instruções de preenchimento em todas as turmas¹.

Tratamento dos dados

Como trabalhámos com variáveis nominais e quisemos testar a inter-relação das mesmas, utilizámos o teste do Qui-Quadrado de Pearson. Fizemos a análise estatística e o respectivo valor da significância (Asymp.sig.2-sided), que é o valor complementar do grau de confiança. Assim, sempre que o valor da significância se apresentou inferior a 5%, rejeitámos a hipótese

¹ Louvamos e agradecemos a disponibilidade de todos os conselhos executivos e docentes das escolas envolvidas neste processo.

nula (H_0) e aceitámos a hipótese alternativa (H_1). Quando a significância surgia superior a 5%, aceitámos a hipótese nula (H_0). As hipóteses utilizadas foram:

H_0 : As duas variáveis são independentes;

H_1 : As duas variáveis apresentam uma relação entre si.

As variáveis independentes utilizadas foram: o ano de nascimento, o género, o tipo de escola, a natureza da escola, a freguesia de residência, a frequência da educação pré-escolar, o rendimento escolar percebido pelo aluno e o nível socioprofissional e cultural da família de origem (avaliado a partir da profissão e do nível de escolaridade dos pais).

Como variáveis dependentes utilizámos:

a) em relação às expectativas escolares do aluno, após conclusão do 9.º ano: o prosseguimento de estudos, a opção para quem procura emprego, a via de estudos pretendida pelo aluno, o percurso escolar pretendido pelo aluno, o nível de ensino que o aluno pensa atingir e quem teve influência sobre as suas escolhas aluno.

b) em relação às expectativas profissionais do aluno: a profissão pretendida pelo aluno, a informação que o aluno tem sobre a profissão pretendida e os objectivos que assinala para a vida profissional.

3. Apresentação dos principais resultados

A idade dos alunos desta amostra oscila entre os 14 e os 17 anos, situando-se a média nos 15 anos, idade padrão para a frequência do 9.º ano. 1,9% dos alunos nasceram em 1991 (tinham 14 anos de idade), 73,2% em 1990 (15 anos), 13,3% em 1989 (16 anos), 9,6% antes de 1989. Na comparação com o estudo de 1991, verificámos que a percentagem de alunos com idade padrão para frequentar o 9.º ano é maior no nosso estudo.

52,6% dos alunos são do género masculino e 47,4% do género feminino, invertendo-se a percentagem de respondentes por género em relação ao estudo de 1991.

39,5% dos alunos frequentam escolas EB 2,3, 49,3% escolas EB 2,3 com secundário e 11,2 % escolas EB 2,3 com secundário e tecnológico.

68,1% da amostra é composta por alunos que frequentam escolas estatais, enquanto 17,6% frequentam escolas privadas e 14,3% escolas particulares com contrato de associação. A nível nacional, 87,8% dos alunos do 3.º ciclo do ensino básico estão inscritos em escolas estatais, enquanto 12,2% estão em escolas privadas².

16,1% de alunos desta amostra residem na freguesia de Ramalde. Seguem-se as freguesias de Campanhã, Paranhos e Bonfim, respectivamente com 9,7%, 8,8% e 8,2%. 22,5% dos alunos vivem fora da cidade do Porto.

Constatou-se, ainda, que 80,6% frequentaram a educação pré-escolar, enquanto 15,5% não o fizeram e 2,9% não sabem. Nos dados retirados do Departamento de Avaliação Prospectiva e Planeamento, sobre a frequência da educação pré-escolar a nível nacional, confirmámos a evolução desde 1985 até ao nosso estudo. De 29,7%, em 1985/1986, a frequência da educação pré-escolar passou para 76,9%, no ano lectivo de 2003/04, o que corresponde a um enorme esforço realizado pela sociedade portuguesa na democratização da educação.

No que diz respeito ao rendimento percebido pelos alunos, 40,1% indicam que é bom,

² De acordo com o Recenseamento Escolar Anual 2005/2006 - Inquérito Preliminar, do Gabinete de Informação e Avaliação do Sistema Educativo.

51,5% suficiente e 8,1% fraco ou mau (7,8% e 0,3%, respectivamente).

Mais de um quarto da amostra é constituída por técnicos superiores e quadros de empresas. O grupo trabalhadores por conta própria e empresários constitui aproximadamente um quarto da amostra nos dois questionários, embora seja mais representativo em 2005 (25,7% em 1991 e 30,1% em 2005) A seguir, aparece o grupo em que os pais são trabalhadores do comércio e dos serviços administrativos com 20,0% em 1991 e 18,9% em 2005. Onde se evidenciam grandes diferenças é no grupo cujos pais são operários, pois sofre uma redução percentual para cerca de metade (de 16,7% em 1991 para 8,2% em 2005).

Quadro 1 - Profissão do pai

grupo	Profissão do pai	2005				1991	
		N	%	Total	%	Nº	%
1.º	Agricultores de explorações agrícolas familiares	1	0,1	1	0,1	397	7,1
2.º	Trabalhadores por conta própria na indústria	42	4,8	261	30,1	1432	25,7
	Empresários industriais até 9 trabalhadores	17	2,0				
	Empresários industriais com 10 ou mais trabalhadores	39	4,5				
	Trabalhadores por conta própria no comércio	90	10,4				
	Empresários comerciais até 9 trabalhadores	27	3,1				
	Empresários comerciais com 10 ou mais trabalhadores	46	5,3				
3.º	Quadros dirigentes e técnicos superiores das empresas ou da administração pública	189	21,8	265	30,5	930	16,7
	Quadros dirigentes e técnicos das empresas ou da administração	76	8,8				
4.º	Trabalhadores do comércio e dos serviços administrativos	164	18,9	164	18,9	1114	20,0
5.º	Encarregados e contra mestres das empresas ou administração	12	1,4	71	8,2	931	16,7
	Operários	59	6,8				
6.º	Trabalhadores agrícolas e da pesca	0	0	0	0	57	1,0
7.º	Pessoal dos serviços	79	9,1	79	9,1	414	7,4
8.º	Membros das forças armadas e militarizadas	20	2,3	27	3,1	297	5,3
	Pessoas que não exercem profissão (domésticas)	7	0,8				
Total		868	100,0	868	100,0	5572	100,0

Relativamente à profissão exercida pelas mães, observou-se que 24,3% trabalham no sector do comércio e dos serviços administrativos, 19,6% são quadros dirigentes e técnicas superiores das empresas e 15,0% não exercem qualquer profissão.

Quanto ao nível de escolaridade dos pais, a distribuição desta amostra reflecte a relevância de pais com frequência do 12.º ano (21,6% da amostra) e de pais com escolaridade situada entre o 4.º e o 9.º ano (20,4%). Por sua vez, 17,5% dos pais possuem uma licenciatura. A escolaridade dos pais apresenta-se superior à escolaridade da população residente na cidade do Porto. Esta diferença pode ser explicada por esta urbe ter uma população envelhecida. Os Censos 2001

revelam que 19,5% da população da cidade tem 65 ou mais anos.

Os dados relativos às mães revelam que 20,8% das mães tem uma licenciatura, 20,7% possui uma escolaridade situada entre o 4.º ano e o 9.º ano, 19,7% tem o 12.º ano. A escolaridade das mães é aproximadamente igual à dos pais.

Em relação à amostra de 2005, ressaltam os seguintes aspectos, que importa reter:

- a amostra é maioritariamente masculina, ao contrário do universo em estudo;
- são muito relevantes os pais com frequência do 12.º ano, seguidos, de muito perto, por pais com escolaridade situada entre o 4.º ano e o 9.º ano. As mães revelam ter uma escolaridade superior.
- a nossa amostra, relativamente a 1991, tem pais com profissões que denotam um maior capital cultural e um mais elevado estatuto social, o que em certa medida pode ser explicado pelo facto de a amostra actual ser concentrada numa das maiores zonas urbanas do país, onde a população é mais escolarizada e com maior poder económico, com profissões mais ligadas aos serviços.

4. Análise cruzada dos dados: as expectativas escolares

Prosseguimento de estudos

As expectativas dos alunos quanto ao prosseguimento de estudos são elevadas. 93,3% dos alunos da nossa amostra pretendem continuar a estudar e, em 1991, eram 88,6%. 96,7 % das raparigas e 90,7 % dos rapazes pretendem continuar a estudar, o que demonstra serem maiores as expectativas de prosseguimento de estudos por parte das raparigas. 94,8% dos alunos que frequentaram a educação pré-escolar e 90,7% dos alunos que a não frequentaram afirmam que pretendem continuar a estudar. A frequência da educação pré-escolar está associada a uma maior expectativa de prosseguimento de estudos após o 9.º ano.

Verificámos uma clara dependência entre o rendimento escolar percebido pelo aluno e a expectativa do prosseguimento de estudos, pois 98,9%, 92,0% e 74,7% dos alunos que consideram o seu rendimento como bom, suficiente e fraco, respectivamente, pretendem continuar a estudar.

Constatámos uma relação directa entre a escolaridade do pai e a pretensão do aluno em prosseguir estudos. Os alunos com pais de menor escolaridade têm valores percentuais mais baixos (86,0%) relativamente aos alunos com pais licenciados (100,0%). 5,1% dos alunos com pais operários pretendem procurar emprego. Dos alunos que pretendem continuar a estudar e que estão acima do valor percentual médio (93,3%), encontram-se aqueles cujos pais são empresários industriais e comerciais com dez ou mais trabalhadores, agricultores com explorações familiares, encarregados e contramestres das empresas, bem como empresários industriais com menos de 9 trabalhadores. Todos os outros alunos, que têm pais com um estatuto socioprofissional mais baixo, têm valores percentuais abaixo da média. Dos alunos que pretendem continuar a estudar, as respostas acima da média (93,3%) indicam-nos mães que são agricultoras e trabalhadoras agrícolas, desempregadas, empresárias industriais e empresárias comerciais com mais de 10 trabalhadoras (todas com 100%) e quadros dirigentes e técnicas

superiores das empresas (98,8%). As expectativas são mais baixas quando estamos na presença de alunos cujas mães exercem profissões relacionadas com as forças militarizadas (66,7%).

Via de estudos pretendida

Há um número significativo de alunos (12,3%) desta amostra que ainda não decidiram a via que pretendem seguir. 54,9 % dos alunos pretendem seguir a via de estudos vocacional/científico-humanística, enquanto que 14,8% e 11,8% pretendem a via técnico-profissional/tecnológica e profissional, respectivamente.

Da análise do Quadro 2 resulta:

- um contraste evidente entre os alunos mais novos e os mais velhos. Mais de 60% dos alunos com idade inferior ou igual a 15 anos têm a expectativa de prosseguir estudos na via científico-humanística, não ultrapassando os 23,4% nos alunos com mais de 15 anos. Os alunos com 16 anos pretendem, em percentagens iguais, os cursos científico-humanísticos e os cursos profissionais, seguidos de perto pelos cursos tecnológicos. Uma percentagem significativa dos alunos com 17 anos pretende a via profissional, ou seja, é maior a predisposição para prosseguir estudos nas vias tecnológicas e profissionais entre os jovens que já reprovaram e que apresentam os níveis etários acima da idade padrão;
- Mais de metade das raparigas (59,4%) pretende seguir as vias científicas. Cerca de um terço (30,3%) dos rapazes pretende seguir os cursos tecnológicos e profissionais. Notámos uma preferência das alunas pelas vias científicas, conotadas com um estatuto socioprofissional mais elevado.

Quadro 2 - Análise cruzada das variáveis ano de nascimento e género com a via de estudos pretendida pelo aluno

		Sem Resposta	Científico-Humanísticos	Tecnológica	Profissional	Artísticos	Não Sabe
Ano de nascimento	1991	0,0	66,7	11,1	11,1	0,0	11,1
	1990	2,9	60,9	13,4	5,6	6,0	11,2
	1989	11,3	23,4	18,5	23,4	7,3	16,1
	1988	25,4	17,9	11,9	37,3	0,0	7,5
	antes de 1988	36,4	13,6	9,1	22,7	9,1	9,1
Género	Masculino	8,9	44,1	18,8	11,5	4,9	11,8
	Feminino	3,9	59,4	8,4	10,3	6,8	11,2

Dos alunos que frequentaram a educação pré-escolar, 53,5% pretendem as vias científico-humanísticas e 23,6% as vias tecnológicas e profissionais. Percentagens que passam respectivamente para 42,4% e 30,6% nos alunos que não frequentaram a educação pré-escolar. Portanto podemos inferir que os alunos que frequentaram a educação pré-escolar revelam uma maior predisposição em prosseguir as vias científico-humanísticas.

Há grandes discrepâncias entre os alunos que consideram o seu rendimento como bom, que esmagadoramente optam por vias mais académicas (73,5%), e os outros alunos, pois respectivamente só 38,4% e 24,0% dos alunos com percepção de rendimento suficiente e fraco optam por estes cursos. Os cursos tecnológicos são referidos por 11,4%, 16,4% e 9,3% dos alunos com rendimento bom, suficiente e fraco, respectivamente. Por último, os cursos profissionais são referidos por 3,5%, 16,0% e 17,3%, respectivamente. Verifica-se assim que os jovens que percebem o seu rendimento escolar como suficiente e fraco pretendem encaminhar o seu percurso escolar para as vias tecnológicas (25,7%) e profissionais (33,3%). É relevante haver um quarto de alunos com rendimento fraco/mau que desconhece a via pretendida.

À medida que a escolaridade dos pais aumenta, aumenta a opção de frequência pela via científico-humanística (72,8% nos pais e 73,3% nas mães), invertendo-se esta tendência nas preferências pelos cursos profissionais (2,5% nos pais e 1,6% nas mães). As diferenças não são tão acentuadas quando estamos perante as escolhas da via tecnológica, pois variam entre 10% dos pais com licenciaturas e 20,4% dos pais com o 9.º ano.

A via científica é a preferida dos jovens cujos pais são quadros dirigentes e técnicos superiores das empresas ou da administração pública (74,6%), empresários comerciais com 10 ou mais trabalhadores (67,4%), quadros dirigentes e técnicos das empresas ou da administração pública (57,9%), empresários industriais (56,4%) e membros das forças armadas (55,0%). As vias tecnológicas têm alguma expressão nos alunos cujos pais são membros das forças militarizadas (30,0%), pessoal dos serviços (25,3%) e operários (20,3%). Os alunos cujos pais são

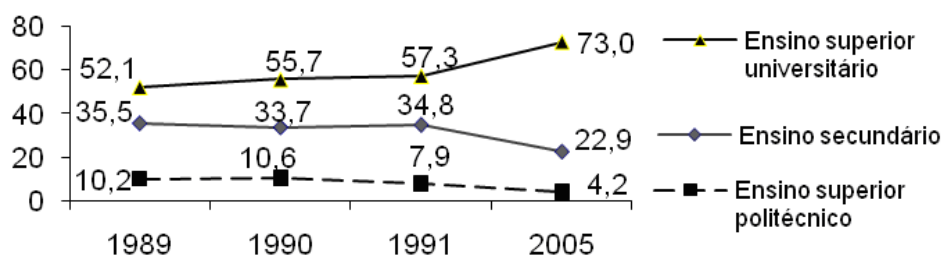
desempregados (25,0%), operários e que trabalham nos serviços (ambos com 20,3%) são os que apresentam valores mais elevados quanto à prossecução das vias profissionais.

No que diz respeito ao cruzamento da via de estudos pretendida pelos alunos com a profissão da mãe, observámos que há uma percentagem significativa de alunos que ainda não sabe a via que pretende seguir e cujas mães se situam nos seguintes grupos profissionais: encarregadas e contramestres das empresas ou administração pública (18,2%), membros das forças armadas e militarizadas (32,3%), operárias (12,0%) e trabalhadoras por conta própria na indústria (11,1%). A via científico-humanística é a preferidas dos jovens cujas mães são profissionais das seguintes áreas: agricultoras e trabalhadoras agrícolas (100%), quadros dirigentes e técnicas superiores das empresas ou da administração pública (76,0%), trabalhadoras por conta própria na indústria e no comércio (66,7%), empresárias comerciais e industriais (57,1%) e dirigentes e técnicas das empresas ou da administração pública (54,0%). Os jovens filhos das mães que são domésticas (20,6%) e desempregadas (15,4%) e trabalham nos serviços (23,2%) são aqueles que mais se propõem seguir as vias profissionais. Por fim, as vias tecnológicas têm alguma expressão nos grupos profissionais das operárias (24,0%), pessoal dos serviços (20,0%) e quadros dirigentes e técnicas das empresas ou da administração pública (19,5%).

Percurso escolar pretendido pelo aluno

Em relação ao estudo anterior, e conforme podemos observar pelo Gráfico 1, constatámos que de 1989 para 2005 houve um aumento da percentagem de alunos que pretende atingir o ensino universitário, passando de 52,1% para 73,0%. Pelo contrário, há cada vez menos alunos que pretendem apenas o ensino secundário, passando de 35,5% para 22,9%.

Gráfico 1 - Percurso escolar pretendido pelo aluno ao longo dos anos



78,8% das raparigas e 67,7% dos rapazes têm expectativas de frequência do ensino universitário, revelando, portanto, que as raparigas têm expectativas de prosseguimento de estudos mais elevadas do que os rapazes. 26,4% dos rapazes e 18,8% das raparigas pretendem realizar um percurso curto, o ensino secundário, enquanto 5,9% dos rapazes e 2,4% das raparigas preferem o ensino politécnico.

O ensino universitário está mais bem representado entre as preferências dos estudantes que frequentaram a educação pré-escolar, 70,4% contra 60,8% dos que a não frequentaram. 6,3% dos alunos que não frequentaram a educação pré-escolar preferem o ensino politécnico, passando para 3,6% o mesmo tipo de alunos que a frequentaram.

Quanto maior for a escolaridade dos pais, maiores são as expectativas de frequência do ensino universitário. Assim, 93,2% dos alunos cujos pais têm licenciatura pretendem frequentar o ensino universitário, percentagem que baixa para os 72,0% quando os pais têm o 12.º ano e menos de 52,0% quando os pais têm menos que o 9.º ano. Por sua vez, o ensino secundário é referido por cerca de um terço dos alunos com pais de escolaridade inferior ao 9.º ano e apenas por 3,1% dos que têm pais com licenciatura. A arquitectura de um percurso escolar por parte de um jovem, entre os 14 e os 17 anos, é fortemente influenciada pela escolaridade dos pais.

Os alunos cujos pais sejam quadros dirigentes e técnicos superiores das empresas (94,7%), quadros dirigentes e técnicos das empresas (80,0%), empresários com 10 ou mais trabalhadores (69,2%), têm expectativas bastante elevadas de frequência do ensino universitário. Os alunos com menores expectativas de frequência do ensino superior são os filhos de membros das forças militarizadas (40%) e operários (45,8%). 33,3% dos filhos dos encarregados, 33,9% dos filhos dos operários, 37,5% dos filhos dos desempregados e 50,0% dos filhos dos militares pretendem frequentar apenas o ensino secundário. O ensino politécnico é apelativo para 10,0% dos filhos dos militares e para 12,5% dos filhos dos desempregados.

Os alunos cujas mães são agricultoras ou trabalham por conta própria no comércio e na indústria, empresárias comerciais ou industriais e quadros dirigentes e técnicas superiores das

empresas pretendem, numa percentagem que ascende aos 70,0%, prosseguir estudos no ensino universitário. Pelo contrário, 47,4% dos alunos cujas mães exercem profissões ligadas aos serviços revelam poucas expectativas de acesso ao ensino universitário. Os alunos com pretensões de frequentar o ensino secundário, numa taxa superior à média, têm mães que ou não exercem qualquer profissão (33,6%) ou exercem a sua actividade no sector dos serviços, do comércio e dos serviços administrativos (24,6%) ou, então, são empresárias industriais e comerciais (mais de 20,0%). O ensino politécnico é mais pretendido pelos alunos cujas mães são encarregadas e contramestres (9,1%), quadros dirigentes e técnicas das empresas (8,0%) e empresárias industriais com 10 ou mais trabalhadores (6,3%). Estes resultados revelam que as famílias de um estatuto socioprofissional economicamente mais favorecido projectam nos seus filhos maiores expectativas escolares.

4.4. Quem teve influência sobre as escolhas do aluno

59,7% dos alunos referem que ninguém influenciou as suas escolhas. Cerca de um quarto dos alunos com 16 ou mais anos não respondeu. Aproximadamente um quarto dos alunos com menos de 16 anos refere que a família teve influência nas suas opções, não chegando aos 15% dos alunos mais velhos. 9% destes referem ter sido influenciados pelos amigos.

Os rapazes são mais influenciados pela família (24,5%), escola (4,7%) e amigos (3,9%). As raparigas são mais influenciadas pela família (21,2%) e escola (4,4%).

Os alunos com rendimento fraco/mau são os que menos respondem (25,7%), havendo 14,9% que revelam ter sido influenciados pela família. 62,7% dos alunos com rendimento auto-classificado como bom referem não ter tido qualquer influência, enquanto 28,1% revelam ter sido influenciados pela família. 20,4% dos alunos com rendimento suficiente dizem ser mais influenciados pela família.

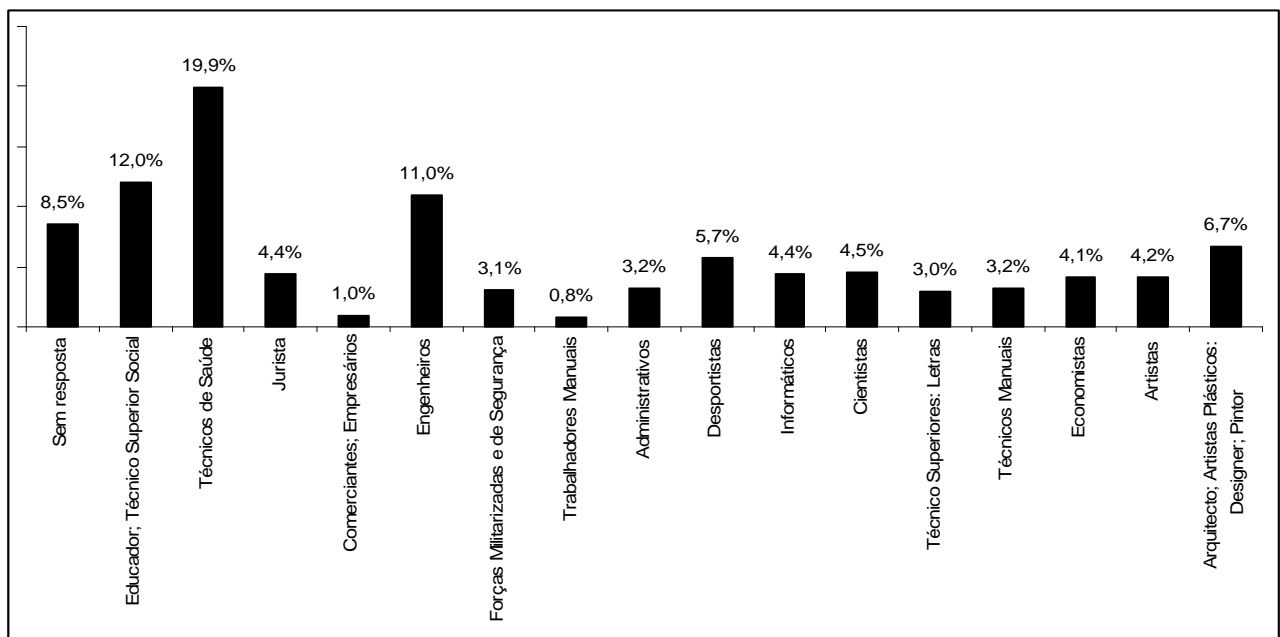
5. Análise cruzada de dados: as expectativas profissionais

Nesta parte, acompanhámos as expectativas profissionais quanto às profissões desejadas, a informação acerca dessa profissão e a opinião acerca das oportunidades que a vida profissional lhes vai proporcionar.

Profissão que os alunos pretendem exercer

A partir do Gráfico 2 verificamos que 19,9% dos alunos pretendem exercer profissões ligadas às áreas da saúde. A segunda área mais pretendida é a área da educação agrupada com a área social, seguida da área da engenharia. Todas as outras profissões têm valores residuais. Há ainda uma percentagem significativa de alunos (8,5%) que não sabe o que pretende seguir, pois não respondeu à pergunta formulada.

Gráfico 2 - Profissão pretendida pelo aluno



A profissão que os alunos pretendem exercer não depende da frequência da educação pré-escolar e da freguesia onde residem, pois a significância é superior a 5%. Como tal, aceitamos a hipótese nula, para a qual as duas variáveis são independentes. Assim, não daremos importância ao cruzamento de dados entre estas dimensões.

Da análise do Quadro 3 ressaltam os seguintes aspectos:

- Em relação aos projectos profissionais dos jovens, observámos que o tipo de trabalho

pretendido varia significativamente com o género. Os rapazes preferem as engenharias, seguidas das profissões da área da saúde e do desporto, enquanto as raparigas preferem a área da saúde, seguida da educação e da arquitectura. A carreira militar seduz mais os rapazes do que as raparigas. Comparando com os resultados do estudo de 1991, observámos uma revalorização das profissões ligadas às áreas da saúde e do desporto por parte dos rapazes, em detrimento da área da educação, enquanto, nas raparigas, observámos a revalorização das profissões das áreas da saúde, arquitectura e ciência. Em qualquer dos casos, observámos a desvalorização de profissões que requerem mais baixo grau de qualificação escolar e de menor prestígio social.

- Os alunos mais novos preferem as profissões das áreas da saúde, seguidas das engenharias e, a larga distância, as profissões relacionadas com o ensino e a arquitectura. Os alunos mais velhos colocam em primeiro lugar profissões da área da educação, seguida pelas áreas da saúde, técnicas, desportivas e artísticas.

- Os alunos com rendimento auto-classificado como bom preferem profissões da área da saúde, seguida da área da engenharia. Estes alunos rejeitam completamente a área dos artífices manuais. Os alunos com rendimento razoável preferem profissões da área da educação, seguida da saúde, da engenharia e da arquitectura. Os alunos com rendimento fraco/mau optam pelas áreas da educação, da informática, artística e da saúde.

Quadro 3 - Análise cruzada das variáveis género, ano de nascimento e rendimento escolar com a profissão pretendida pelo aluno

		Educador; técnico superior social	Técnicos de saúde	Jurista	Comerciantes; empresários	Engenheiros	Forças militarizadas e segurança	Trabalhadores manuais	Administrativos	Desportistas	Informáticos	Cientistas	Técnico superiores: letra	Técnicos manuais	Economistas	Artistas	Arquitecto; artistas plásticos; designer; pintor
género	Masculino	6,4	12,6	3,3	1,9	18,7	4,9	1,0	2,3	10,3	7,6	3,9	1,2	4,5	4,5	3,7	5,6
	Feminino	18,3	28,1	5,7	0,0	2,5	0,9	0,5	4,3	0,7	0,9	5,3	5,0	1,8	3,7	4,8	8,0
ano de nascimento	1991	5,6	38,9	0,0	0,0	22,2	0,0	0,0	0,0	5,6	5,6	0,0	0,0	0,0	5,6	0,0	0,0
	1990	9,5	23,5	5,4	0,4	13,0	2,9	0,1	1,9	5,6	3,8	5,9	2,9	1,2	4,5	3,7	7,5
	1989	25,0	9,7	2,4	2,4	3,2	4,0	1,6	4,8	5,6	4,8	0,8	2,4	8,9	3,2	8,1	4,8
	1988	14,9	6,0	0,0	4,5	3,0	3,0	6,0	13,4	7,5	7,5	1,5	6,0	10,4	1,5	3,0	4,5
	Antes de 1988	13,6	4,5	4,5	0,0	4,5	4,5	0,0	4,5	4,5	13	0,0	4,5	18,2	0,0	4,5	4,5
rendimento escolar	Bom	7,0	32,1	4,9	0,5	14,3	4,0	0,0	0,8	4,0	2,4	6,2	4,0	0,3	5,9	1,9	4,9
	Suficiente	15,8	12,0	4,0	1,3	9,7	2,7	1,1	4,8	6,7	5,3	3,8	2,3	4,8	3,2	5,3	8,2
	Fraco/mau	12,0	9,3	5,3	1,3	4,0	1,3	2,7	5,3	8,0	9,3	1,3	2,7	8,0	1,3	9,3	6,7

Conforme vimos no Gráfico 2, as profissões mais requeridas, com taxas superiores a 10%, são as das áreas da saúde, da educação/serviço social e da engenharia, que serão aquelas que vão merecer a nossa análise.

Os alunos cujos pais têm licenciatura escolhem em primeiro lugar a área da saúde (25,9%), seguida da engenharia (17,9%), percentagens que passam para 20,5% e 15,0%, respectivamente, se falarmos de alunos com pais que têm o 12.º ano. Por sua vez, quando estamos na presença de alunos cujos pais têm o 9.º ano, a área da saúde é a preferida por 19,0% dos alunos, seguida pela área da educação (15,0%), enquanto a engenharia não atinge os 4,0%.

No que diz respeito à escolaridade das mães, verificámos que os alunos cuja escolaridade das mães é inferior ou igual ao 9.º ano escolhem em primeiro lugar a área da educação (35,8%), seguida pela área da saúde (32,0%), surgindo a engenharia com 7,1%. Por sua vez, observámos que os alunos cuja escolaridade das mães é superior ou igual ao 12.º ano escolhem em primeiro lugar a área da saúde (44,7%), seguida pela área da engenharia (36,0%), e em terceiro lugar a educação (17,2%).

Em suma, quanto maior for a escolaridade dos pais, maior a propensão dos alunos para a escolha de profissões ligadas à área da saúde, seguida da engenharia. Os alunos com pais dos mais baixos graus de escolaridade preferem as áreas da educação e da saúde. As profissões que vêm a seguir são as de desportista e a de informática, nos alunos com pais de escolaridade igual ou inferior ao 4.º ano; técnicos manuais e forças militarizadas, nos alunos com pais de escolaridade situada entre o 4.º e o 9.º anos; engenheiros e artistas, nos alunos com pais cuja escolaridade é o 9.º ano.

As profissões da área da saúde são as preferidas pelos alunos filhos de empresários industriais com 10 ou mais trabalhadores (20,5%), quadros dirigentes (26,0%), pessoal dos serviços (21,5%) e pais que não exercem qualquer profissão (42,9%). A área da educação tem taxas acima da média nos alunos cujos pais trabalham por conta própria na indústria (16,7%), são reformados e desempregados (50,0%), empresários com 10 ou mais trabalhadores (19,6%) e

operários (18,6%). A área das engenharias é a mais pretendida pelos alunos cujos pais são encarregados e contramestres das empresas (25,0%), empresários comerciais até 9 trabalhadores (15,4%) e quadros dirigentes e técnicos superiores das empresas (15,9%).

A área da saúde é a preferida pelos alunos cujas mães são quadros dirigentes e técnicas superiores (25,7%), quadros dirigentes e técnicos (20,7%), empresárias comerciais com mais de 10 trabalhadores (30,0%), encarregadas (27,3%) e militares (33,3%). Por sua vez, a área da educação é a pretendida essencialmente por alunos cujas mães são empresárias industriais com mais de 10 trabalhadores (18,8%), empresárias comerciais até 9 trabalhadores (21,4%), desempregadas (46,2%) e reformadas (25,0%). A área da engenharia tem expressão nos alunos com mães, que são quadros dirigentes (18,1%), trabalhadoras por conta própria na indústria (22,2%) e operárias (16,0%).

Informação que o aluno tem sobre a profissão pretendida

Neste estudo, os alunos avaliaram de forma mais positiva a informação que detêm sobre a profissão pretendida (78,4% consideraram-na boa ou muito boa, enquanto em 1991 foram apenas 46,4%).

A informação que o aluno tem sobre a profissão pretendida depende apenas do ano de nascimento e da escolaridade da mãe, pois a significância é inferior a 5%.

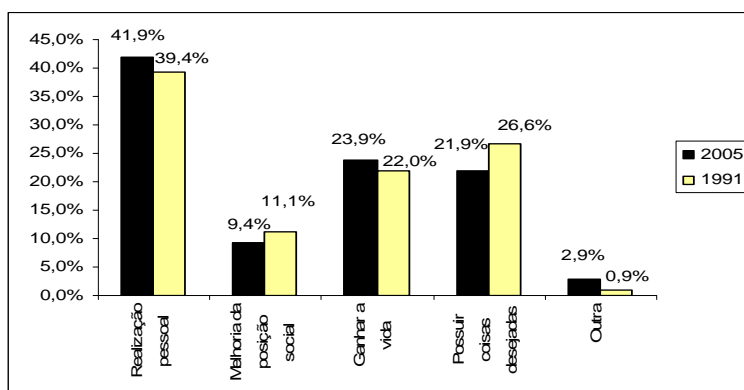
A informação sobre a profissão pretendida é considerada muito boa sobretudo pelos alunos mais novos (35,5% contra 28,4% entre os mais velhos). Os alunos que sentem a informação sobre a profissão pretendida como sendo muito boa são os que têm mães com escolaridade igual ou superior ao 9.º ano (37,0%), por oposição aos alunos que têm mães com escolaridade inferior ao 9.º ano (4,8%) que a consideram insuficiente ou apenas razoável.

Objectivo da vida profissional

No que diz respeito aos objectivos da vida profissional os resultados obtidos em 2005 confirmam os de 1991, já que o principal objectivo da vida profissional é a “realização pessoal”, seguida do “ganhar a vida” e, a curta distância, o “possuir coisas desejadas”, como

podemos constatar no gráfico 3.

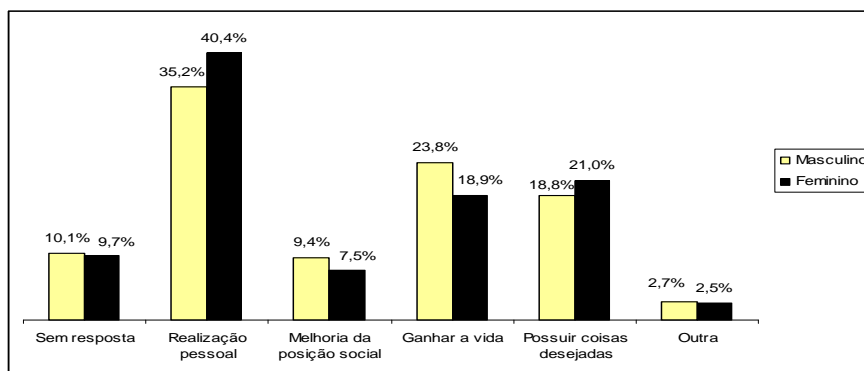
Gráfico 3 - Objectivo da vida profissional – evolução 1991-2005



Com base no Gráfico 4 podemos concluir que:

- para as raparigas, a vida profissional visará sobretudo a realização pessoal (mais do que os rapazes), além de “possuir coisas desejadas” e “ganhar a vida”.
- os rapazes valorizam também outros aspectos, pois, embora dêem relevo à “realização pessoal”, a vida profissional pode-lhes permitir “ganhar a vida” e “melhorar a sua posição social”, numa taxa superior à das raparigas em ambos estes casos.

Gráfico 4 - Análise cruzada: objectivo da vida profissional – género



6. Breve discussão dos resultados

Este estudo permitiu confirmar e validar as hipóteses colocadas. Terminada a apresentação e análise de resultados, procederemos a alguns comentários finais, de acordo com as hipóteses por nós formuladas, acompanhados por uma breve reaproximação aos contributos teóricos, o que nos permitirá explicar melhor os dados obtidos. Assim:

i) No que diz respeito à primeira hipótese (“o género influencia as trajectórias, as opções e expectativas escolares, bem como as expectativas profissionais dos jovens”), os resultados de 2005 confirmam e reforçam a conclusão de que o género influencia claramente as expectativas escolares dos alunos. As alunas apresentam percursos escolares de maior sucesso, com expectativas mais elevadas quanto ao prosseguimento de estudos, em particular nas vias científico-humanísticas. As suas expectativas estão direccionadas para as profissões das áreas da saúde e da educação/social. Revelam ter expectativas baixas em relação às profissões da área das engenharias, que são aquelas sobre as quais os rapazes depositam maiores expectativas. Os resultados por nós obtidos vêm confirmar as conclusões a que chegaram Silva (1999), Azevedo (1991) e Gonçalves (1997), autores que sustentaram a nossa opção no enquadramento teórico.

ii) A segunda hipótese (o nível socioprofissional e a escolaridade dos pais influenciam os resultados e as opções escolares dos jovens) também é verificada, pois observámos, que é entre os jovens cujos pais são detentores de um capital escolar mais elevado que há, uma maior valorização da educação escolar. Os alunos cujos pais têm mais elevada escolaridade preferem as vias académicas nas áreas da saúde e da engenharia, enquanto a preferência dos jovens provenientes de famílias mais desprovidas de capital habilitacional se direcciona para as vias profissionais.

As expectativas mais elevadas de prosseguimento de estudos surgem nos alunos que vivem em ambientes de um estatuto cultural e socioprofissional mais elevado, confirmando-se a relação

entre este e as expectativas dos alunos, quanto às escolhas escolares. Os alunos cujos pais têm profissões de menor estatuto socioeconómico reconhecido socialmente, são os que preferem seguir as vias escolares de mais curta duração, cujas saídas profissionais são mais rápidas. Os dados obtidos neste estudo confirmam os de 1991, pois já Azevedo tinha observado que as formações técnicas e profissionais eram mais valorizadas pelos descendentes de operários, membros das forças armadas, trabalhadores agrícolas e pescadores, pessoal dos serviços, comerciantes e trabalhadores por conta própria no comércio e na indústria e encarregados e contramestres (Azevedo, 1991, p. 122). O nosso estudo reforça a conclusão de Alves (1998, p. 90) quando afirma que “para a quase totalidade dos jovens que permanece no sistema, depois de concluída a escolaridade obrigatória, o ensino tecnológico não é uma alternativa credível e socialmente valorizada, na qual valha a pena apostar”.

Em suma, a expectativa de prosseguimento de estudos por parte dos alunos está directamente relacionada com o estatuto socioprofissional dos pais e o seu capital cultural, confirmando assim a conclusão de Alves (1998, p. 66) de que “o prosseguimento ou abandono de estudos surgem fortemente associados aos perfis sociais dos alunos”.

iii) No que diz respeito à hipótese “as instituições sociais, nomeadamente família, escola, meios de comunicação social, amigos, têm influência nas preferências dos jovens”, permiti-nos tirar algumas ilações fundamentais para um melhor entendimento da hipótese formulada. A maioria das respostas vai no sentido de que ninguém influenciou as escolhas dos alunos. Convém notar que estamos diante uma população com um nível etário que, por vezes, terá dificuldade quer em discernir as influências recebidas quer em reconhecê-las. Contudo, entre os alunos que manifestaram ter influências, encontrámos uma grande variedade: os alunos mais novos são mais influenciados pela família, enquanto os alunos mais velhos são influenciados pela família, pelos amigos e pela escola. Os alunos que não frequentaram a educação pré-escolar recebem maior influência da escola e dos amigos. Em relação à análise efectuada,

podemos concluir que estes dados vêm confirmar a perspectiva naturalista e individual do desenvolvimento, assinalada por Gonçalves (1997), pois mais de metade da amostra referiu que ninguém teve influência nas suas escolhas.

iv) A quarta hipótese (“a frequência da educação pré-escolar pode induzir percursos escolares mais longos e de maior qualidade”) foi validada, dado que:

- nesta década e meia, balizada entre 1991 e 2005, observa-se uma redução considerável no número de retenções, provavelmente devido ao desenvolvimento de novas práticas pedagógicas, mais motivadoras, e a um maior investimento por parte da sociedade e dos pais na educação dos filhos;

- a frequência da educação pré-escolar e o rendimento escolar estão associados a uma maior expectativa de prosseguimento de estudos após o 9.º ano, o que confirma a observação de Silva (1999:96), dado que no seu estudo os jovens que dizem ter frequentado a educação pré-escolar se encontravam mais jovens sem reprovações, o que significa que a frequência da educação pré-escolar tem um efeito potenciador de uma maior qualidade nos percursos escolares;

- os alunos mais novos, com melhor rendimento e que frequentaram a educação pré-escolar têm expectativas mais elevadas de frequência do ensino universitário, o que revela a relação directa entre esta componente fundacional do percurso escolar e as mais elevadas expectativas do prosseguimento de estudos. Estes dados permitem-nos concluir que estamos perante uma população estudantil “escolarizada” desde a primeira infância, devido ao esforço social e às características socioculturais da família. Pais com escolaridade mais elevada apostam na escolarização dos filhos e pais com menor escolaridade não a valorizam tanto. A procura das vias científico-humanísticas é concomitante com um melhor desempenho quanto ao sucesso escolar, enquanto a procura das vias tecnológicas e profissionais aumenta quando os resultados escolares não são tão bons;

- à medida que a idade dos alunos aumenta as expectativas de prosseguimento de estudos diminuem, o que confirma a opinião de Azevedo (1991, p. 10), “o insucesso acumulado, como

o provam numerosos estudos, vai refreando as expectativas do prosseguimento de estudos”;

- as expectativas dos alunos mais novos (sem retenções) centram-se nas profissões das áreas da saúde e da engenharia, enquanto que os alunos com retenções (mais velhos) se dirigem para profissões das áreas da educação e as que requerem habitualmente mais baixa qualificação académica. Os resultados dos estudos de Pinto (1986) e Silva (1999) são confirmados pelos dados por nós obtidos.

Antes de terminar, gostaríamos de fazer uma última leitura sobre alguns aspectos não focados nas hipóteses formuladas. Relativamente às trajectórias escolares destacamos:

- uma percentagem esmagadora de alunos está determinada na concretização de um projecto de vida em que o aumento das qualificações académicas é privilegiado em detrimento de uma inserção precoce na vida activa. Pais (2003, p. 45) explica este aumento, considerando que os jovens acreditam que “com melhores qualificações escolares, encontram melhores empregos” e adiam “o enfrentamento com o mercado de trabalho”;

- continua a haver uma tendência maioritária para a escolha das vias científico-humanísticas;

- cada vez mais alunos têm expectativas de realização de percursos escolares mais longos, pois, de 1991 para 2005, observámos um aumento da percentagem de alunos que pretende atingir o ensino universitário, havendo menos alunos que preferem realizar apenas o ensino secundário;

- a principal razão invocada pelos alunos que responderam querer “procurar emprego” é “ganhar dinheiro”;

No que respeita às trajectórias profissionais, não podemos deixar de sublinhar:

- em relação à informação que detêm sobre a profissão pretendida, comparativamente a 1991, verificámos que os alunos do nosso estudo estão mais confiantes na informação de que dispõem;

- quanto aos objectivos da vida profissional, os resultados obtidos no nosso estudo confirmam os de 1991, pois, em ambos, o principal objectivo da vida profissional é a “realização pessoal”, seguida do “ganhar a vida” e, muito próxima, a dimensão “possuir coisas desejadas”;

Em suma, as elevadas expectativas dos estudantes estão certamente associadas ao desejo de mobilidade social. Estes resultados traduzem o facto de os diplomas continuarem a ser vistos como um passaporte seguro para certos lugares almejados no mundo do trabalho.

Limites da investigação

Dada a escassez do tempo, de recursos humanos e de meios financeiros necessários para a realização de um estudo com esta amplitude, não nos foi possível fazer um trabalho mais ambicioso. Em primeiro lugar, gostaríamos de frisar que fizemos uma actualização de uma pesquisa feita em 1989/91, mas devemos sublinhar que, apesar de se terem obtido respostas de uma parte significativa da população, não podemos garantir, com plena confiança, que a parte inquirida possua as mesmas características e o mesmo padrão de respostas. Em segundo lugar, esta amostra não é representativa do todo nacional, mas sim de uma cidade com a dimensão do Porto, exemplificativa de uma população urbana, com preponderância do sector terciário. Nesta amostra, não estão representados grupos profissionais importantes como os do sector primário, ao contrário da pesquisa referida, que foi efectuada numa amostra nacional, que contempla tanto a população urbana (como a nossa amostra), como a população rural (estão, portanto, representados todos os sectores da sociedade: primário, secundário e terciário).

Na actualização da pesquisa de 1991, mantivemos os grupos profissionais, quando poderíamos ter utilizado a Classificação Nacional das Profissões (edição de 2001).

Sugestões de investigação

Assumindo que em ciência nada é definitivo e que a construção do conhecimento científico é e será sempre um processo inacabado, pensamos ser oportuno facultar algumas orientações para quem queira desenvolver um trabalho deste tipo.

Este trabalho pode ter continuidade, com cobertura do território nacional, utilizando uma amostra mais ampla e representativa, como a de 1989/91. Em relação à escolaridade dos pais, a sugestão vai no sentido de se utilizar o nível habilitacional usado pelo INE (nenhum nível de

ensino, 1.º ciclo, 2.º ciclo, 3.º ciclo, Ensino secundário, Ensino médio e Ensino superior), o que permitirá comparar mais adequadamente o nível habilitacional dos pais dos alunos e o da população em geral. Sugerimos a utilização da Classificação Nacional das Profissões do IEFP (Instituto do Emprego e Formação Profissional), em todas as questões referentes a profissões. Este tipo de estudos também pode e deve ser estendido a outros graus de ensino, nomeadamente aos alunos que iniciam o 10.º ano e os que frequentam o 12.º ano.

Referências bibliográficas

- Alves, N. (1998). Escola e trabalho: atitudes, projectos e trajectórias. In M.V. Cabral e J.M. Pais, (Eds.), *Jovens portugueses de hoje* (pp. 53-133), Oeiras: Celta Editora.
- Alves, N. (2000). *Trajectórias académicas e de inserção profissional dos licenciados, 1994-1998*. Universidade de Lisboa.
- Azevedo, J. (1991). *A Educação tecnológica nos anos 90*. Porto: Edições Asa.
- Azevedo, J. (1992). *Expectativas escolares e profissionais dos jovens do 9.º ano*. Porto: Edições Asa.
- Azevedo, J. (1999). *Voos de borboleta - escola, trabalho e profissão*. Porto: Edições Asa.
- Azevedo, J. (1999). *Sair do Impasse, os ensinamentos tecnológico e profissional em Portugal*. Porto: Edições Asa.
- Bulle, N. (1996). Simulation des choix de filière scolaire. *Revue Française de sociologie*, XXXVII, 567-604.
- Costa, A. F. (1992). *O que é a sociologia*. Lisboa. Difusão Cultural.
- Gonçalves, C. M. (1997). *A influência da família no desenvolvimento vocacional de adolescentes e jovens*, Tese de mestrado.
- Pais, J. M. (2003). *Ganchos, Tachos e Biscates - Jovens, trabalho e futuro*. Porto: Âmbar.
- Pardal, L. A. (1992). *A Investigação: Métodos e Técnicas em Pesquisa Social*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Pereira, P. A. (2003). *Metodologia da Investigação 3 - Análise de Dados Simples e Multivariada Utilizando o SPSS*. Policopiado.
- Pinto, C. A. (1986). A escola: valores e aspirações dos jovens. *Cadernos Juventude*, X. Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.
- Silva, C. G. (1999). *Escolhas escolares, heranças sociais*. Oeiras: Celta Editora.
- Tuckman, B. W. (2005). *Manual de investigação em educação-Como conceber e realizar o processo de investigação em educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Tyler, W. (1991). *Organización escolar: Una perspectiva sociológica*. Madrid, Ediciones Morata.

Ministério da educação, (2004). Decreto-Lei n.º 74/2004 de 26 de Março, artigo 5.º, *Diário da República - i Série-A 1933, N.º 73 - 26 de Março de 2004*.

<http://www.giase.min-edu.pt/IndSintese0506.asp>, capturado em 31 de Março de 2006.

<http://www.giase.min-edu.pt/IndSintese0405.asp>, capturado em 31 de Março de 2006.

http://www.giase.min-edu.pt/estat/05_06/xls/I_1_3_2.xls, capturado em 31 de Março de 2006.

http://www.giase.min-edu.pt/estat/05_06/xls/I_1_3_1.xls, capturado em 31 de Março de 2006.

http://www.giase.min-edu.pt/series/xls/5_4.xls, capturado em 21 de Abril de 2006.

<http://www.ine.pt/prodserv/quadros/quadro.asp>, capturado em 13 de Abril de 2006.